

**TRIBOS URBANAS** Segunda maior população indígena do país, cerca de 45 mil pessoas, vive em ambiente urbano precário

# Índios se espremam nas periferias de MS

FABIANO MAISONNAVE  
 DA AGÊNCIA FOLHA, EM CAMPO GRANDE



Esqueça a idéia de que os índios vivem isolados e dispersos em grandes áreas sob a proteção do governo. Em Mato Grosso do Sul, que concentra a segunda maior população indígena do país, com cerca de 45 mil pessoas, quase todos sobrevivem na periferia de cidades, sobretudo nas duas maiores, Campo Grande e Dourados.

Os índios urbanos são divididos em dois grupos: os que ainda vivem em reservas indígenas, que, com o crescimento das cidades, hoje se situam no perímetro urbano, e os que saíram das aldeias superpovoadas para se amontoarem nas periferias das cidades.

Das 64 aldeias em Mato Grosso do Sul, 62 ficam na periferia das cidades ou a poucos quilômetros de um centro urbano. Demarcadas, em sua maioria, entre 1915 e 1928 e nunca ampliadas, essas áreas raramente ultrapassam 3.000 hectares.

“A demarcação das terras, já extremamente reduzida naquela época, previa a rápida integração indígena, mas isso não se verificou. O resultado são áreas superpovoadas e sem viabilidade econômica”, afirma Antônio Brand, professor de história da UCDB (Universidade Católica Dom Bosco), onde coordena um projeto de pesquisa sobre os índios guaranis e caiovas.

A situação mais grave é a da reserva de Dourados. Quando foi criada, em 1917, moravam na área de 3.500 hectares entre 400 e 500 índios. Hoje, disputam o mesmo espaço 9.623 índios — trata-se da reserva com a maior densidade demográfica do país. Os 3.050 índios do Parque Indígena do Xingu (MT), em contraste, dispõem de 2,8 milhões de hectares.

A cidade de Dourados, fundada quase duas décadas depois, em 1935, transformou-se hoje na segunda maior cidade de Mato Grosso do Sul, abrigando 165 mil habitantes. Com isso, a reserva, antes relativamente isolada, está a três quilômetros do perímetro urbano.

Segundo o chefe do núcleo da Funai em Dourados, Jonas Rosa,

o esgotamento dos recursos naturais da reserva transformou-a numa cidade-dormitório de Dourados e da região, onde os índios são facilmente vistos executando serviços pesados, sobretudo no corte de cana, pedindo esmola na rodoviária ou, no caso de crianças, trabalhando como flanelinhas.

Não faltam problemas sociais na reserva. Além da prática do suicídio, a desnutrição infantil é preocupante. Apenas neste ano, 11 crianças morreram em razão de deficiência alimentar. Histórias de violência, alcoolismo e prostituição são frequentes.

Os terenas constituem a maioria dos aproximadamente 7.000 índios que vivem hoje em Campo Grande, segundo números preliminares do primeiro censo indígena urbano, que está sendo realizado pela UCDB. Em 96, a Funai contava 3.000 índios na cidade.

Existem hoje, na capital do Estado, dois projetos habitacionais voltados para os terenas, que em grande parte moram de forma precária na periferia.

O maior projeto é a Aldeia Urbana Marçal de Souza, implantado em 99 pela Prefeitura de Campo Grande numa área da Funai ocupada pelos indígenas.

Hoje, 187 famílias vivem em 135 casas de apenas 30 m<sup>2</sup>. É o caso da família da terena Vera dos Santos, 31. Mãe de cinco filhos, ela já trabalhou como doméstica e como servente de pedreiro. Hoje, sobrevive de artesanato e divide a casa com outras três famílias, num total de 15 pessoas, todas parentes.

Ali, poucos ainda falam a língua materna. “Fica meio chato falar. Muitos não entendem e acham que estamos falando mal deles”, diz sua prima Fátima Ferreira, 39.



Acima, Calixto Francelino e a filha Rejane, que moram na Aldeia Urbana Marçal de Souza, em Campo Grande; ao lado, a índia terena Vera dos Santos, 31, que já trabalhou como doméstica e servente de pedreiro e divide a casa com outras três famílias, num total de 15 parentes; abaixo, índia caiova em acampamento próximo à fazenda do deputado estadual José Teixeira

## Número de suicídios volta a subir

DA AGÊNCIA FOLHA, EM CAMPO GRANDE

O fenômeno do suicídio entre os índios caiovas, que ficou famoso mundialmente como símbolo da degradação da vida indígena no país, voltou a crescer no mês passado, quando foram registrados quatro casos.

Levantamento do Programa Caiová/Guarani, da UCDB, mostra que as taxas de suicídio estão subindo gradativamente. Em 1999, foram 45 casos; no ano 2000, o número chegou a 50.

O ano com mais suicídios foi 1995, com 56 ocorrências. Nos três anos seguintes, o número caiu para cerca da metade.

“Os suicídios de setembro indicam que, este ano, o número aumentará ainda mais”, afirma o coordenador do programa,

Antônio Brand. Não há dados fechados sobre as ocorrências em 2001.

Um dos últimos casos foi de Maricleide de Oliveira, 16, que se enforcou dentro da própria casa, onde vivia com o marido.

Amiga de Maricleide, Zélia Benitez, 26, afirma que existem dois motivos para explicar os suicídios, um do branco e outro do índio. No caso de sua amiga, Zélia diz que, para o branco, Maricleide se matou por causa dos maus-tratos que recebia do marido. Mas há também outra explicação.

“Nós temos os nossos mitos. Algumas vezes, a cor do horizonte nos avisa sobre a morte, sobre doenças. Às vezes que a pessoa se mata”, diz Zélia.

Na Reserva de Dourados, todos têm histórias de suicídio de pessoas próximas para contar. Em alguns casos, no entanto, existe a suspeita de assassinato. (FM)

## Para líder, Funai perdeu importância

DA AGÊNCIA FOLHA, EM CAMPO GRANDE

“Se a Funai for extinta hoje, ninguém vai perceber”, afirma o líder caiova Anastácio Peralta, coordenador de Assuntos Indígenas da Prefeitura de Dourados.

Na região, ninguém discorda desse diagnóstico, nem mesmo os funcionários da Funai. O chefe do núcleo de Dourados, Jonas Rosa, que passou 28 dos seus 50 anos de vida trabalhando no órgão, diz que a Funai hoje se limita a acompanhar demarcações de terra e prestar assistência jurídica.

Com 13 funcionários, a Funai de Dourados tem orçamento mensal de R\$ 6.000 para atender cerca de 16 mil índios sob sua jurisdição.

Hoje, as políticas públicas estão pulverizadas em diversos órgãos.

A área de saúde, por exemplo, é administrada pela Funasa (Fun-

dação Nacional de Saúde). Embora a atuação do órgão seja elogiada pelos índios, o órgão atende apenas dentro das reservas, deixando de fora cerca de 10.500 índios urbanos somente em Campo Grande e Dourados.

O problema de saúde mais grave é o da desnutrição infantil. Apenas na reserva de Dourados, 11 crianças morreram de fome este ano. A taxa de mortalidade entre crianças até um ano é de 70 casos em cada mil — a média nacional é 37,5 mortes por mil.

Um dos problemas mais graves está na segurança. Pela lei, os crimes em reservas indígenas são de incumbência da Polícia Federal, mas é cada vez maior a presença das polícias Civil e Militar, em razão do aumento da violência nos últimos anos e da migração dos índios para a cidade. (FM)



## Tentativa de suicídio é transmitida pela TV

DA AGÊNCIA FOLHA, EM CAMPO GRANDE

A tentativa de suicídio do artesão caiova Mário Turbício, 37, em maio, em Campo Grande, foi transmitida ao vivo por uma emissora de TV local e sensibilizou a opinião pública da cidade. Desesperado com uma ameaça

de despejo da casa onde morava com a mulher e os cinco filhos, ele tentou se enforcar com uma corda formada por roupas. Com a casa cercada por policiais, Turbício salvou-se porque a corda não suportou seu peso e se rompeu.

Antes da transmissão pela TV, Turbício tentara se enforcar duas

vezes. Seu drama foi contado em um programa de TV, e o governador de Mato Grosso do Sul, José Orcirio dos Santos, o Zeca do PT, prometeu tentar um solução para o problema de moradia.

Sua casa é ponto de encontro de lideranças caiovas de todo o Estado. Após ouvir o drama de Tur-

bio, um desses líderes, Zidio Fernandes, há dois anos vivendo acampado próximo à fazenda do deputado estadual José Teixeira, disse, em um português precário, que, “se isso acontece com o Turbício aqui em Campo Grande, imagine o que acontece com outros no meio do mato”.